

TÍTULO

ANESTESIA

Nota Biográfica

Oliveira Adão Miguel, natural de Luanda (Angola), Licenciado em Ciências da Educação, opção História, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Huíla), é professor na escola do IIº Ciclo nº 1068, no município da Matala, província da Huíla.

Nasceu no município do Sambizanga, bairro dos Ossos, cresceu no município de Cacuaco, comuna do Kifangondo, onde fez o ensino primário e o Iº Ciclo na escola 807, do bairro Morro. Em função das dificuldades teve que migrar para a província do Bengo em 2006, onde concluiu o ensino médio no Instituto Médio Politécnico do Kimamuenho.

Trabalha como subdirector pedagógico do colégio "A Verdade Vos Libertará" e é comentador da rádio 2000 Matala. Em Maio de 2015 publicou ao portal do Jornal mural da faculdade de ciências sociais, em simultâneo com o Clube K, o artigo intitulado: A África entre a cortina de fumo: A utopia dos africanistas, as ditaduras e os golpes de estado na pós-independência; no mesmo ano publicou no portal Clube K o artigo intitulado: O terrorismo e o fundamentalismo islâmico. Uma putrefacção incisiva do islão.

Hodiernamente, tem feito conferências e palestras em escolas do II ciclo do ensino secundário, bem como em faculdades como o ISCED-HUILA. Em Maio de 2016, dissertou no ISCED-HUILA, o tema: Origem, expansão e o contributo do movimento Hip-Hop na afirmação da identidade dos negros.

Dedicatória

À Minha amada mãe Mariana Miguel

Ao meu querido pai Emiliano Dumbo

À Bernarda Albano

A Olívia, minha amada filha

Aos irmãos(a): Delfina, Suza, Tizinho, Mano-Mano, Portácio, Amélia, Miguel e a Zefa

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus Jeová pela vida;

Ao Phd Helder Alicerces Bahu pela amizade e por acreditar em mim;

Aos amigos Job Raul Upale e Fernando Sacuayela Gomes;

Ao Dr. Isaias Abel Kambinda, pelas críticas;

À Flora Ferreira pela ajuda eterna.

Índice

Prefácio

Por Job Raul Upale	6
Saudades do meu amor.....	8
Sonso	10
Solitário	11
A vida humana	12
O último segundo	13
O (Mor) cego	14
A dor do outro	15
Escravidão	16
Liberdade	18
De manhazinha na infância	20
Pedagogia do amor	22
Sinto algo estranho	23
Amorologia	24
Oi bebé!	25
O peido	27
Despedida à minha mãe	28
Audiência com Deus	31
Qual (Lo) bobo!.....	33
Dedicatória.....	34
Beatificação	36
O que eu quero	37

Prefácio

Oliveira Anestesia, pseudónimo de Oliveira Adão Miguel, apresenta-nos finalmente parte de seus escritos. Pessoalmente, há muito que aguardava por este texto. Conheci o autor em circunstâncias académicas, e como tal rodeados de preocupações que gravitavam entre terminar e aprender um pouco das matérias na universidade. A primeira vez que tomamos contacto, o autor chegou e se impôs ante um conjunto de estudantes que procuravam asseverar destemidos suas assertividades diante de uma docente que mais ou menos conheciam. Tendo sido sua primeira aparição na turma do 2º ano, o ilustre Oliveira, rebatou as suas posições, discordou de muitos de nós e no final da aula pôs-se a andar... Tudo parecia muito normal para ele, mas para alguns de nós um estranho havia chegado e como um enviado para quiçá nos expurgar, rebateu assuntos da aula, contendeu com a pluralidade dos que encontrou e de sorrante escapuliu. Daquele encontro, algo ficou claro, estávamos diante de um jovem de uma nata intelectual e cultural muito forte

Seguir os rituais que preparam caminhos e momentos não é amiúde sua marca. Por circunstâncias dificilmente explicáveis, veios se formaram e esse nexos amigável que erigimos criou para ambos abrolhos de direitos e de enormes responsabilidades. Abrolhos porque, inúmeras vezes partilhámos momentos que nos mostraram que construir laços nos impõe aceitar as pessoas como são, mesmo que com elas discordemos em quase tudo; precisamos amá-las; como me disse um dia antes de redigir o prefácio: é necessário olhar com os olhos do outro e sentir a sua dor, essa é na verdade o fundamento para por que hoje, prefacio esta obra.

Quando avisou-me do seu intento, desejei sorratamente escapar; porque embora me tenha visto escrever alguns textos, não me assumo como redator de textos literários. Mas, o contacto com a obra fez-me perceber que a obra por intenção se esgueira enormemente das directrizes comuns dos textos literários; este facto e mais o autor encorajaram-se então a evitar o escape.

Os poemas apresentados são resultados de profundas mudanças que marcaram a sua vida e revelam a forma de encarar o mundo. Formas com as quais muitas vezes eu mesmo discordo dada a verticalidade e o posicionamento que toma diante de muitas circunstâncias; mas em fim, o autor é "original e não vive como cópia nem réplica", no dizer de Jung.

Quando esperávamos por um tratado sobre política, governação e direitos humanos, fomos surpreendidos por este livro de poesias. Que outras surpresas nos reservará o autor? Enfim, o ritmo da vida deste jovem que venceu íngremes batalhas e derrotou os petardos de sua juventude, nos permite afirmar que começa agora uma jornada cujos efeitos saberemos com certeza sentir e apreciar, afinal estamos diante de um académico, investigador e agora escritor. Afora, urde considerar o Oliveira como

homem de família, um filho e agora pai que luta pelo bem-estar dos ascendentes e da prole. Em guisa de conclusão quero desejar ao Oliveira, sucesso e muita saúde.

Job Upale, docente universitário

Saudades do meu amor.

Te conheci durante a caminhada de Março
Num inverno quente, mas manso
Apaixonei-me quando te vi
Um opróbrio sinceramente senti
Na hora era tudo confuso
E os meus sentimentos gingavam como capim.

Foi nas terras da batata-rena que te dediquei
E como desde a tenra idade fui precipitado declarei
Aquilo que desde sempre sonhei
Ter você ao meu lado
E disto nunca me abdicaria.
Como um homem apaixonado,
Diante de uma mulher faz-se coxito
Valeu muito a força dada pelo mano Pirisquito
Onde com o seu jeito esquisito
Agiu como nosso cupido.

Eu tinha medo e muitas dúvidas
De que seria negado por ti
Por isso, não tinha declarado
Que não podia viver sem ti
Só depois me lembrei que amar não era pecado
Desejava energicamente
Ser feliz contigo no dia dos namorados.

Ok! tinhas uma beleza negra sem regra
Os teus limites de estética ultrapassavam os das gregas
Sentia que eras a fina-flor do meu coração
A ansiedade que tive não guardou aquela emoção.

Ota! Saudades tenho dos belos momentos que vivemos
Enquanto namorados
Saudades tenho por me teres indicado como teu amado
Tenho muitas lembranças que hoje fazem memórias;
Os beijos que te roubei

Os abraços e amãos que contigo compartilhei
As nossas saídas nas avenidas da vila
Tudo isso hoje faz memória
Na minha vida.

Não tenho dúvidas que te amo bastante
E se pudesse inventaria a máquina do tempo
Para revivermos os tempos em que ainda éramos nubentes.

Sonso

Aqueles são inglórios
In memoriam guarda-os no imaginário
Meus detractores
Estupidificados pela sensatez do ordinário
Me dão espinho, me dão orvalho

É este mundo imundo
Que me sufoca
No seu profundo defunto
Que a dor me provoca

Aqueles são:
O que o mundo é
A selvajaria e a barbárie
Que do leão o leva a comer

Homem tão vil, tão vil
Homem tão cruel, tão cruel
Metade animal, metade viril
Inquilinos de uma felicidade senil

Aqueles são você e eu
Vítimas do conto sisório
O mundo é um mau lugar
Quando gerido por jacobinos e sidónios

Solitário

Há muita gente, mas estou só
Exsurge em mim a solidão
Estou sendo estilhaçado pela presente multidão
Penso no suicídio sem dó de mim
O mundo parece chegar ao fim

Não tem sentido a minha alegria
Estou só
Isso é hipocrisia
A solidão é minha charneira
A vida é uma pantagruélica asneira

A vida é para mim uma sala de cinema
Onde a quem vê os filmes da janela
A vida e a morte
O amor e o ódio
É a monotonia deste dilema
Que enfrento
É o cliché da minha angústia
É a véspera do meu sofrimento

A dor e as lágrimas
Carrego no meu cordifólio
As minhas frustrações e estresses
As coloco no meu endiabrado portefólio
Preciso de um sentido para vida
Como faz o pássaro
O instinto não evapora
A formatação natural lhe faz ser o que é
Diferente dele, eu sei que um dia terei de ir embora

A vida humana

A vida humana é:
Um corpo grande para uma estrada pequena
Peça teatral gigante
Que não cabe numa única cena

A vida humana é:
Um desencadeamento psíquico
Que faz cada homem ser relativamente relativo
Aprendemos e ensinamos no dia-a-dia
Nos preparamos para uma vida sagrada
Atrás está o pretérito
A frente o futuro imperfeito

A vida humana é:
Ver a morte como veneno
Saber que tudo acaba
Mas ainda assim sermos eternos

A vida humana é um momento instantâneo
Como o cacimbo e o verão
Também é momentâneo
Depende da forma que a vives
Na alegria ou na solidão

A vida humana
Destina a todos
Sofre aquele que não a compreende
E se amarra ao seu desatino

É sofrimento quando
Procuramos interpretar o futuro
Da vida só temos o passado e o presente
O futuro é cego
Não seja casmurro.

O último segundo

Diante de uma doença mortal
A esperança humana se torna fatal
Tudo fica sem rumo e obscuro
A vida baila sobre um fio dúbio e inseguro
Tudo se torna numa grande incerteza.

Como um pintainho sem a mãe, a mente se entristece
O coração adocece
E produz doentias emoções
No adeus à família e amigos
Fazemos profundas reflexões
E nos arrependemos de algumas decisões.

Olhamos tranquilamente para vida
Nos interrogamos sobre o sentido desta longa caminhada
Os amigos e inimigos que fizemos
As pessoas inocentes que matamos
O ambiente indefeso que destruímos
O tempo à nossa família que não demos

A mente fica abalada!
Abalada
Pela falta de rumo
Pelo único instante que nos resta
Porque estamos perto do nada
Ou diante de uma certeza certa.
A inevitabilidade da morte

Homens com coração de pedra lacrimejam
Assassinos e cruéis se arrependem
E fazem entender as pessoas
Que a vida é uma grande viagem como a de pássaros
Porém, Feita em um minuto
A quem nem dentro de si viaja
Vive uma eternidade para observar apenas miragem
E diante da morte o que lhe resta é o que ele fareja

O (Mor)cego

Eu sou cego, não pela cegueira
Não tem importância ter olhos e não ver
Eu só não quero ver
Não gosto naquilo me meter...

Sou cego na minha própria ignorância
Não pretendo entender o que vivo
O meu silêncio basta
A verdade é coisa que não me interessa
Gosto da ignorância, tal qual o morcego ama a escuridão
Tenho ferro onde está o coração

Sou conformista
Sou ignorante
Detesto os revolucionistas
De intelectual sou indigente

A cegueira é o meu instinto
O sofrimento dos outros nem sinto
Sou feito de barro, o meu fôlego é divino
Sou cego por decisão
Ainda que seja pequeno.

A dor do outro

No musseque morre um pé descalço
Ninguém diz nada
No musseque choram pela morte da esperança
A quem faz gargalhada

No musseque partem a casa do outro
A decisão é aplaudida
No musseque o nguvulo ngombela os teus direitos
Na televisão a maca é defendida

Os pobres morrem calados
Os mussecados dos bairros de lata são maltratados
Crianças e velhos morrem sem nada
Pelo conselho dos outros são solapados
A serem resignados.

A dor do outro não é nossa
Quando é contigo até vira onça
Aqui a solidariedade é virtual
A solidariedade morre
Todos fazem triunfar o mal
O algoz se satisfaz
Com o sofrimento do mussecado
Pois ser pobre é o seu único pecado.

Escravidão

No princípio éramos irmãos
Tínhamos uma relação de amizade
E nunca se tinha falado sobre colonização.

Me lembro como se fosse hoje
Quando viestes com aquelas caravelas
Algo insólito e ademais muito belas

Trocamos presentes, até mesmo com os vossos funantes
Brindamos rum nos banquetes
Celebramos a unidade entre a nossa gente.
Tudo era bom
Tudo era paz
Tudo revelava só amor entre nós.

Todo futuro tem segredos!
Não sabíamos aonde apontava os dedos das vossas intenções
Pois não tínhamos o poder de ler corações.

Pediram-nos um escravo concedemos
Pediram-nos dois escravos não nos negamos
Pediram-nos cinquenta escravos e tínhamos aceiteado
Por achar que aquilo que não nos atingia fazia pecado.

Foi quando não fomos tidos nem achados neste negócio
Que fazia de nós verdadeiros sócios
De aceitarmos ser colonizados
Como corolário de uma amizade baseada no vício.

Devido a ganância, vocês destruíram as nossas libatas
Devido a vossa prepotência, fomos vítimas da opressão
Fomos vítimas das vossas chibatas
Fomos objectos
Fomos números
Só por sermos pretos

Fomos animais colocados a disposição do seu algoz
Vocês levaram a nossa alma, o nosso espírito e a nossa paz.

No sertão, os sertanejos nos obrigavam a abandonar a africanidade
Nos inculcavam o cristianismo, para nos alienarmos da nossa identidade
Deixamos de ser um povo
Deixamos de ser uma nação
Deixamos de ter uma terra
Tudo por força da escravização.

Quando tudo parecia que acabou,
Nos proclamamos como povos independentes
Um novo hino nacional soou
Mas não libertamos as nossas mentes.
Hoje carregamos o fardo dos 500 anos de escravização
Que levou os nossos irmãos
São 500 anos de escravização que hodiernamente nos causa comoção.

A cada dia uma nova música nasce como recordação
Dos longos anos de humilhação
Dos longos anos de escravização.

Liberdade

A quem quer liberdade
Mas prefere fugir da realidade
De lutar para ser livre de verdade

A quem se quer livrar do seu opressor
Mas continua amar quem o oprime
É tão masoquista que se agrada com o regime
Tirano ou racista
Mas o ama como um grande pessimista.

A indecisão faz novos escravos
No processo os medrosos substituem os bravos
Os volúveis distraem até a revolução dos cravos
Se negam a ser livres através de coisas mesquinhas
Já não acredito nos revolucionários da tia Mariazinha

A mente do lutador da liberdade não cabe na cadeia
Ela se liberta irreversivelmente em cada lua cheia
É tolice vender a liberdade com 30 moedas de prata ou um prato de lentilha
Afinal, os franceses tiveram razão
Por isso derrubaram bastilha.

A liberdade não se alcança com cobardes
Pois, os cobardes têm medo da repressão ou da retaliação
Os cobardes têm medo da sua sombra ou de viver sem opressão
Foram amansados pelo sistema
Para eles isso já não faz anátema.

Lutar pela liberdade te coloca em apuros
A quem nela nem encosta o faro
A liberdade se conquista com muito litro de sangue
A liberdade tem um preço muito alto
A liberdade pode te fazer exangue.

·
Não se negocia a liberdade e a independência de um povo
Que quer apenas se despir do velho e viver o novo

Amor, paz, solidariedade e visão
Um revolucionário de verdade
É parte da construção de uma verdadeira nação
Justa, igual e que sabe repartir o pão.

De manhãzinha na infância

De manhãzinha

Acordávamos

Para ir a lavra

O trabalho era duro na hora de desbravar a terra

Ficávamos horas à fio trabalhando

Como bons camponeses

O trabalho se encarregava de cuidar dos nossos petizes.

Convivíamos com os sussurros dos mosquitos

Com o roncar dos sapos

Nas colheitas do Gindungo

Era muito trabalho para um rendimento coxito.

De manhãzinha

Íamos ao rio banhar

Depois seguíamos para à escola

Sem esperança de sermos alguém

Imitávamos agostinho neto ou mesmo o menino Ngangula

Era um banho sem rede e sabão

Mas que acalentava o conceito futuro da nação

Com cadernos e lapiseiras nas mãos

Cansados de escalar a montanha continuávamos

Com vontade, mesmo com fome e sede

Continuávamos

Continuávamos

Pois queríamos ser o futuro do amanhã.

De manhãzinha

De domingo ou sábado

Íamos a venda a procura da água e do pão

Bem de manha procurávamos a nossa sustentação

Vendíamos

Tomates, repolhos, cebolas ou maçarocas

Gritávamos atordoadamente.

Chega, chega, chega aqui amigo

Porque precisávamos sobreviver.

De manhãzinha
A gente brincava com os amigos na buala
Com Nelo, Cavinda, Nando Mbucó,
Nando Fininho, Samuel e Calili
Fazíamos o jogo com a bola de saco
Íamos ao rio depois de um trumuno
Assim era a nossa manhãzinha durante a nossa infância
Na banda.

Pedagogia do Amor

Amor é uma coisa muitíssimo boa
Tão boa quanto à jimboa

É um substantivo abstracto, as vezes caricato
Não tem definição lógica, tão pouco matemática
Molda o nosso ser a fim de sermos pacatos
Para o amor não somos meros animais
Ganhamos a dimensão antropológica e filosófica
Passamos a ser, seres especiais.

Há amor em tudo
Há amor entre pais e filhos
Há o amor de mudos e surdos
Há amor na mocidade ou velhice
Amor quebra fronteiras
Há amor entre nubentes que loucamente se apaixonam
Eternizando as suas panóplias no tempo
Amor só traz à humanidade a feliz felicidade de ser feliz.

O Amor reduz tristezas
Multiplica alegrias
O amor eterniza o teu dia.

Muita gente já não vive porque não sabe amar
O seu interior está putrefacto por carregar tanto ódio
Não sabem apreciar o lado bom da vida
Que consiste em amar.

Amor é uma oração
Amor é ação e comunicação
É o amor que te leva a aceitar
O diferente no teu irmão
Amor promove união
Amor traz paz ao coração.

Sinto algo estranho

Tenho uma sensação estranha
Que faz equívocos nas minhas entranhas
Não sei, se é o quê!
Me deixa de luto, e com melancolia me emaranha.

Sempre achei que tivesse um lado divino
Que me podia escudar
Deste cálice embebido de veneno
Sou feito de carne e osso
Também sou humano
Sou fino, sou grosso
Sou feito de sentimento e razão
Também sou insano.

Sinto algo estranho!
Talvez pela idade que avança
Ou pelas decepções que a vida alcança
Vejo em mim um vazio existencial
Talvez esteja doente
Talvez rico de contente
Estou de vigília, estou dormente
Estou entre o fio da vida e da morte
Estou entre o sonho e o pesadelo
Estou entre o azar e a sorte.

Só sinto algo estranho!

Amorologia

Oh meu amor!
Quão suave é o teu odor
Que na leveza da sua transparência
Se faz no meu redentor

Só sinto que te amo com todas as letras do alfabeto
Expresso romanticamente o que sinto como uma coisa oca
O que sinto não é ignorante e analfabeto
Você transforma meu mundo numa realidade louca
Pela tua forma de ser
Por saberes te apaixonar
Quando pretendes amar-me

Por ti vou ao Júpiter
Por ti ando descalço
Por ti vendo tudo que tenho
Para ser feliz

Não tenho dúvida que te amo bastante
Aproveito contigo a vida, a cada instante
Meu coração nunca se engana
Sinto-me feliz por partilhar contigo
A Condição de nubente
Me leva contigo até a vida eterna

Oi bebé

Oi bebé acerca-te a mim, interessa-me te conhecer
És muito atraente, desculpa lá és uma grande mulher
A suku yange, meu coração já está a gemer
Sinto que a perna também está a tremer.

Diga lá bebé:

Te chamo de princesa ou de madame?
Estou a falar atoa né?
Meus pensamentos ficaram tipo arame
As glândulas endócrinas estão saltitando feito cabrito
Meu vocabulário ficou bué coxito
E te quero dizer que eu te, te, te, te...
Ngecele, a paixão me torna esquisito.

Bebé wé! Tens um rosto angelical
És naturalmente linda, desculpa o excesso não me leve a mal
Seja o meu conduto e eu, o teu sal.
Está frio né?
Vem pertinho de mim, juntos faremos calor
Aká! É tão forte esse teu odor.

Ó bebé doce!

Esse teu sorriso é fármaco para minha tosse
Mata minha ansiedade, evita minha trombose
Sinceramente você faz a minha dose.

Oko! És mesmo bela
Mulher como você, só se vê na novela
Não estou a bajular, a tua beleza supera até da cinderela.

Bebé branca, preta ou mulata
A cor não diz nada
É que quando te vejo meu coração salta.
Namora comigo bebé
Nada me importa se és pobre ou rica
Se és letrada ou analfabeta

Se vives na cidade ou no bairro de lata
Me aceita só ene vakué.

Ó bebe!

O peido

Não existe coisa alguma melhor que um peido
Revela transparência e nos liberta do medo
Um bom peido chama atenção
Se for entre casais revela aceitação.

O peido tira banga
Já vi bandeira entre as elites cangamba.
Os intelectuais o chamam de gases
Mas peido que é peido é aquele que cheira à fezes.

Peido existe em qualquer civilização
Homens descalços ou de ternos
Possuem o mesmo buracão
E quando peidam sentem o alívio e a boa sensação
De ter expressado a sua opinião
Peidar é um meio de comunicação
Peidar também é um acto de liberdade

Prefiro o peido à arrotar
Para outros tanto faz,
Nem que for a regurgitar
Para que ter vergonha do que sai de ti?
Não concordo quando dizem que peidar é anti-social
Desculpa essa visão é letal.

Na banda quem peida bue dizem
Que tem hemorróide ou makulo
Um dia já levei surra por peidar no meio dos nguvulos
Não se admira que o presidente também seja peidante
Empresários e doutores nos bastidores acham isso hilariante.

Conheço um amigo doutorado em peidologia
Me disse varias vezes que peido não tem ideologia
Ele nem conhece a sua etimologia
Por isso, o verbo peidar
Vive na cacofonia

Santo peido, és oportuno quando esvazias a minha barriga
Fico relaxado depois de uma fadiga
Para muitos és nojento
Não importa, só tu me livras dos meus sofrimentos
Que bom quando não fazes barulho
Na multidão causas grandes sarilhos
Cheiras mal, mas és amável
Peidar é muito bom nos faz sociável.

Despedida à minha mãe

Mãe não chora pelo que passo
Eu só inútil,
Hoje me dispenso
A minha vida não tem valor dentro do compasso
Mãe sou fútil,
Sou um fracasso

Este mundo é dos fortes
E eu não sou
O mundo é dos importantes
Eu não sou
O mundo é dos bonitos
Eu não sou
O mundo não me quer
O mundo é dos bons

Meu maior erro foi ter vindo ao mundo
Este mundo de dores empedradas
De odores nauseabundos
De alegrias alegradas
De choros chorados por mudos
Sem ser ouvidos

Por que choras mãe?
Estou internamente doente
Com este mundo estou tristemente contente
Me façam eutanásia
Me tirem os rins, pulmões e o coração
Façam doação
Me tirem a perna e a cabeça
Para me livrar da solidão

Quero ir a outra dimensão
Cremem o meu corpo,
para eu existir no teu coração
Não chore por mim

Chore pelos outros
Pois a vida é assim
Só quero partir mãe
Mas serei eterno no teu coração.

Audiência com Deus

Oh santo Deus!
Estou preocupado
Com a rota que o mundo tem tomado

Sou bom, sou mau
Sou sensível, sou cruel
Sou fruto do pecado original
As vezes fico arrasado

Sei que tenho muito pecado
Talvez tenha nascido num mundo errado
Tudo aqui é estranho
Peço amor, me dão ódio
Peço paz, me dão guerra
Peço justiça, me dão calabouço
O mal é tudo que o mundo tem como ganho.

O que se passa afinal com o mundo oh Santo Deus?
O que se passa?
Já não sou criança
Deixei o mundo fantasmagórico na puberdade
Desculpa se estou a ser ateu
Esta é a pura verdade

Há muitas coisas ruins a acontecer e não dizes nada?
Será que consentes?
Dizem que você mente
Assistes a nossa dor impávido e serenamente
Até quando pai?
Quando resolverás os problemas da humanidade?
Quando santo Deus?

Quando as duas guerras mundiais
Ceifam milhões de pessoas?
Quando judeus injustamente

São asfixiados em guetos e mortos?
Quando negros são feitos em mercadorias?
E o que falar da guerra do Vietnã, china,
Chechena, Palestina e Israel?
Quem fará justiça ao genocídio dos ameríndios?

Ate quando Santo pai?
Quando as pessoas acabarem de morrer de sida ou ébola?
Quando os cristãos e muçulmanos provocarem um grande genocídio?
Quando as ditaduras triunfarem?

Porque tanto silêncio?
És cínico?
Gostas deste teatro?
Estás morto ou em sono profundo?
Precisamos de uma resposta
O mal nunca pode triunfar
Deixa de ser um Deus moribundo.

Responda as nossas orações
Para que não pensemos que você morreu
Estamos sem norte
Estamos a um passo de sermos ateus.

Qual (Lo)bobo!

Não seja bobo
A fénix ressurgue das cinzas
Nunca dos escombros
Seja forte
O mundo faz trapaçaria
Quando te carrega nos ombros
Olha para o passarinho
Não precisa de tempo para se libertar do ninho
E você fica mendigando a minguia de carinho?

Muda você
Ou muda o mundo
Não seja palha
Chorar é saudável
Só a patetice atrapalha
Conheço um comunismo psicótico
Que só a galinha espalha

A vida dá volta
Porque você parou?
Não culpe os outros
Isso não é bom

Não seja lobo
O mundo não é assim
Você é que é bobo.

Dedicatória

Faz tempo que namoramos
Faz tempo que te conheci
Naquele dia quando nos teus olhos olhei
Perturbado me senti
Era um amor felizardo
Que estava a nascer naquele dia acurado
Que sorria por lhe terem indicado
como o mais amado dos amores viajados.

Pela primeira vez senti amor puro
A tua formosura e beleza
Não divagou em mim sussuro,
Tinha formatado o meu coração
Só para te amar
Mesmo que passasse a terra
caíssem os astros, com chuva ou com sol
serias eternamente minha rosa de sarón

Hoje ladro em todo canto da cidade
Que és santa
Tens um corpo formidável
És pura entre aquelas tantas
Contigo quero me casar
Amas meu coração
Desejo te amar
Com carinho e devoção

Ó noiva frugal!
Quem te fez assim de forma tão angelical?
Quero te amar com o amor fraterno e eternal
Não tenho ouro, nem prata para te dar
Não tenho diamante, nem mirra
Mas tenho minha alma para te amar

O meu coração é pequeno

Para aguentar esta felicidade
Tu fizeste-o grande
Tu fizeste-o num mar de docilidades
Os dois lados batem como música que canto para ti
Já somos uma só carne
Eu sinto o que tu sentes
Gosto o que tu gostas
Não temos muita diferença

O nosso amor tem a doçura do Maine
Eu quero te amar eternamente a partir desta hora,
Nada me importa se um dia serás senhora
Serás para sempre minha mulher
Na glória, no luto ou até quando o mundo desabar
Venha o que vier
Serás eternamente minha mulher.

Beatificação

Todos podemos tudo
Mesmo que sejamos nada
Aliás, cada um carrega no seu intimo algum nada
Foi Deus que nos revelou que nos fez do nada
Por isso, do nada as vezes nada merecemos.

Nós falamos e cantamos
Raciocinamos e argumentamos
No entretanto também jazemos
Arrogar-se à superioridade
Nos reduz
O homo sapiens sem sociedade
é um Zoon infeliz
O outro é a outra parte da nossa parte
Que nunca admitimos porque é diferente
O belo e o inteligente está nos olhos da sociedade
Elogiar o próximo é uma coerente atitude

Não há um Homem bastante humilde
O que importa?
Importa produzir a tua humanidade
Todavia, todos sabem que humildade revela educação
Errado é ser uma deidade ou alteridade
O mundo é um palco
Não faça papel de absurdo e opaco
Afinal quando aos outros vês absurdo
Os teus olhos enganam-te
E revelam o absurdo em você.

O que quero!

Quero aprender a não ser afrocentrista

Tão pouco eurocentrista

Quero ser cidadão do mundo

Ser humano e humanista

Vivendo para a humanidade

Quero amar mais

E odiar menos

Quero dar paz

E destruir a arrogância do veneno

Não quero ser racista,

Que nenhuma cor da pele

Traga desigualdade social ou racial

Despedaçar as ideologias

E lutar contra qualquer mal